

***Insecure*: canções e performance como lugar de fala para mulheres negras no audiovisual¹**

Dyone Arruda Cypriano²

Gabriela Santos Alves³

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo

Este artigo propõe uma análise do protagonismo de mulheres negras na série norte-americana *Insecure*, com ênfase na primeira temporada (2016). A pesquisa examina a forma comunicacional da obra, especialmente o uso de canções interpretadas por vozes femininas durante os episódios. A análise concentra-se nas personagens principais, Issa Dee (Issa Rae) e Molly Carter (Yvonne Orji), bem como nas coadjuvantes Kelli Prenny e Tiffany DuBois, considerando suas ações dramáticas, falas, melodias cantadas e escolhas musicais. Fundamentado no referencial teórico do feminismo negro contemporâneo, com autoras como bell hooks e Lélia Gonzalez, o estudo adota metodologia qualitativa, baseada na análise fílmica-sonora. A investigação aborda temas como solidão, silenciamento, relações de trabalho, machismo e afetividade, a partir da edição de som, da voz-melodia e da seleção de frames e canções. O objetivo é evidenciar a complexidade da experiência da mulher negra e sua representação na ficção seriada.

Palavra-chave: Representatividade; Comunicação-audiovisual; *Insecure*; Feminismo negro; Mulheres negras.

Esta pesquisa visa explorar como a canção e a performance se configuram como ferramentas poderosas de manifestação e resistência, permitindo que mulheres negras ocupem espaços de fala e visibilidade dentro do audiovisual. A pesquisa analisa os dramas vividos pelas personagens principais, as vozes nas canções durante os episódios e performance que se configuram como ferramentas para visibilidade para esses corpos. Em sua primeira temporada, *Insecure* é composta por oito episódios, mostra a história e a experiência das mulheres negras a partir da perspectiva de duas protagonistas, que são acompanhadas por mais duas amigas que estão como coadjuvantes. As protagonistas, ambas com aproximadamente 30 anos (geração millennial), enfrentam desafios em suas carreiras e relacionamentos enquanto vivem em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos.

¹ Trabalho apresentado no GP18 - Ficção Televisiva Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom/UFES); bolsista FAPES; bacharel em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo. Participa do grupo de pesquisa CIA – Comunicação, imagem e afeto (UFES/CNPq). E-mail: dyocypriano@gmail.com

³ Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora da Fapes-ES, Edital Mulheres na Ciência. Integra, como pesquisadora, o LapVim – Laboratório de Pesquisas sobre enfrentamento à Violência contra Mulheres no Espírito Santo e o grupo de pesquisa CIA – Comunicação, imagem e afeto (UFES/CNPq). Realizadora audiovisual. E-mail: gabriela.alves@ufes.br

Nesse cenário, a série norte-americana é protagonizada por duas mulheres e duas coajuvantes negras, que possuem empregos diferentes, são amigas que compartilham uma com a outra situações do dia a dia, desde conflitos em seus empregos, silenciamentos e inseguranças até o desejo do relacionamento. A série se configura como um espaço de representatividade pelo protagonismo dado a corpos de mulheres negras, manifestando por meio das vozes femininas presentes nas canções e na própria fala cantada da protagonista Issa. De acordo com hooks (2023, p. 25) “mudar a forma como vemos as imagens é certamente uma maneira de mudar o mundo”. Como, por exemplo, a personagem principal utiliza a voz que reterritorializa esse lugar de fala para se comunicar com suas amigas e consigo mesma, cantando para narrar algum sentimento ou acontecimentos do cotidiano.

A relevância deste estudo está em vários pontos. Antes de tudo, ele entra em um assunto importante sobre como as pessoas negras são representadas no audiovisual, analisando uma ficção seriada que se destacou justamente por fugir dos clichês e mostrar histórias mais próximas do cotidiano. Além disso, ao olhar para a conexão entre canção, performance e identidade, o trabalho mostra como esses elementos podem ser muito mais do que sons que estão soando ao fundo, eles se tornam ferramentas poderosas para dar visibilidade, expressão e força a quem tantas vezes foi colocado à margem.

A metodologia utilizada é a análise-fílmica da primeira temporada de *Insecure* (que é uma ficção seriada de comédia direcionada ao público adulto, lançada em 2016), que consiste em avaliar elementos narrativos com ênfase no protagonismo feminino negro, tais como os temas/dramas diversos em torno do *corpus* da mulher negra, a solidão ou o silenciamento sofrido pela mulher negra, trabalho, machismo, acolhimento, relacionamento e a edição de som que evidencie o diálogo e a fala cantada, seleção de frames, seleção de músicas com vozes femininas.

As canções inseridas (cantadas por mulheres) narram sonoramente os sentimentos, pensamentos, locais em que essas personagens estão vivendo. A forma de selecionar essas músicas, é de acordo com os dramas/temáticas do episódio ou arco e encontrar as letras foi através do aplicativo *Shazam* que ouve a música e, na maioria das vezes, informa o título da música, o nome dos cantores(as) e álbuns.

Performance e fala-cantada em *Insecure*

Tendo em vista a comunicação singular da canção e da fala-cantada em *Insecure*, conforme analisado previamente, é fundamental compreender como essa dinâmica se traduz em um lugar de fala efetivo para mulheres negras no audiovisual. A performance de canções e fala-cantada em *Insecure* não é apenas expressão artística, mas ato de territorialização, onde corpos negros femininos inscrevem suas existências em espaços físicos e simbólicos. Como destaca Zanetti (2017, p. 28) “[...] Estes podem se expressar em toda a sorte de substratos, seja no corpo de cada um dos indivíduos, seja nas formas de (re)apresentação das relações estabelecidas no âmbito coletivo, do social e do cultural”.

A predominância da performance vocal feminina em *Insecure* se estabelece pelo dado estatístico relevante, pois em sua primeira temporada tem inserção no total de 95 *cues*⁴ entre canções e fala-cantada/voz-melodia, verifica-se que 54 são interpretadas e cantadas por vozes de mulheres. A performance é expressiva e corresponde a aproximadamente 56,84% do total de canções presentes, enfatiza o compromisso estratégico da produção da ficção em ampliar as vozes femininas. Nas palavras de Moura (2023, p. 8) “[...] com as séries e os filmes que o consumidor entretém, principalmente na tela grande, e é a partir desses formatos que nos olhamos como sociedade. As histórias que consumimos e a que assistimos são temas de conversas entre amigos”. Sendo assim, ficções seriadas externalizam acontecimentos do cotidiano que podem ser debatidos e ter uma valorização de vozes femininas é um caminho direcionado a um público diverso que poderá refletir sobre.

A performance vocal feminina é um ato performático em um gesto estético e político que reinscreve corpos negros no espaço audiovisual. Ao mostrar que mais de 50% das canções em *Insecure* são cantadas por mulheres, reforça quantitativamente a visibilidade e a primazia dessas vozes femininas na performance na fala-cantada na ficção seriada. Isso não é apenas sobre uma canção tocando no rádio ou sendo inserida para transitar entre as cenas, mas sobre quem está cantando e ganhando esse espaço de destaque.

As performances acontecem com Issa e Molly se comunicando em uma ligação com pequenas falas cantadas, acontecem com Issa isolando-se para se comunicar com ela mesma e o *rap*, por exemplo, é um estilo de música que dá valor ao som das palavras, ao

⁴ Cues de trilha sonora musical é o equivalente a cada uma das faixas do disco. Cada trecho da música do filme é um *cues*, por menor que seja. [...] *cues* são pequenos trechos utilizados basicamente para apontar algum acontecimento ou fazer uma breve transição entre cenas (BERCHMANS, 2012, p.33).

ritmo do que é dito e a mensagem que vem por trás da melodia, pois é uma forma de protesto também, dando um lugar de poética. Após criar essa atmosfera, conseguimos entender as inter-relações entre a imagem e a música, conseguimos nos conectar a dramaticidade abordada por *Insecure*. Lima (2013, p. 89) afirma que “na canção popular, a voz-melodia, arriscamos a dizer, é geralmente produzida de tal maneira que busca refazer a presença e os sentimentos envolvidos numa situação de performance com coincidência das presenças”.

Um detalhe que acontece durante uma atuação ou performance são utilizadas as *cues*, quando informo sobre canções inseridas, não estou dizendo que cada personagem tenha um tema musical (o *leitmotiv*⁵), pois não existe essa definição nesse seriado. As *cues* são inseridas como um elemento extremamente narrativo que pode ser dramático e pode ser cômico ou até pode ter a forma descontraída, deixando uma sensação subliminar. De acordo com Matos (2014, p. 58): “[...] a música pode chamar a atenção para emoções subliminares, para algo que não se vê na imagem, mas que acontece no interior dos personagens ou em lugar distante de onde se encontram os protagonistas”.

Com o surgimento dos *streamings*, a população teve mais acesso às séries, ficções seriadas, documentários etc., permitindo aos fãs que compartilhem informações, se informem melhor sobre técnicas do audiovisual aplicadas em ficções seriadas televisivas e vejam as atuações e performances. Conforme Silva (2014, p. 248) “É, de fato, um processo comunicacional muito complexo, que faz emergir o modo dialético e inter-relacionado por meio do qual se dão as relações entre a grande mídia e seu público”.

Em *Insecure* a performance vai acontecendo, à medida que as personagens expressam a fala-cantada, muitas das vezes, através da Issa (e algumas vezes suas amigas a respondem da mesma forma), dessa forma, as relações que acontecem entre elas, entre as temáticas ficam fluídas e passam a ser um marco, tanto delas quanto para a ficção seriada pela Issa. Lima (2013, p. 158) descreve que “criou-se o padrão interpretativo para determinado cantor ou cantora: uma dicção de identificação do intérprete”. Essa era, afinal, uma maneira de legitimar uma canção; respaldar a voz-melodia que enviava o recado”.

⁵ Que é um tema específico para aquele personagem, por exemplo o Darth Vader de *Star Wars* tem o tema musical que é a marcha imperial (*The imperial march*) do compositor John Williams. Assim, todos os momentos em que o personagem aparecer em cena, seu tema pode tocar em partes ou inteiro, dependendo da cena. Link do tema *The imperial march* disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u7HF4JG1pOg>>.

A fala-cantada/voz-melodia e as canções foi um espaço dentro dessa obra que é um elemento sonoro narrativo que passa suas mensagens e expressões que interferem nos dramas ou temáticas que acontecem durante essa primeira temporada. Ao chegar sua voz mais próximo de vivências reais, mesmo sendo uma ficção seriada, abre-se caminhos para dar mais versatilidade à comunicação e performance, dando uma nova roupagem ao fazer séries/ficções que conversem com o público sem ignorar assuntos comuns da vivência da mulher negra.

Análise de temas, frames e cues de *Insecure*

Durante a primeira temporada de *Insecure* localizam-se temáticas do cotidiano da mulher negra, que são roteirizadas em forma de comédia e drama e ficam em torno de três pilares centrais, categorizados de: geral (que acontece nos arcos ou nos episódios), no trabalho e relacionamento. Esses três assuntos acontecem durante a primeira temporada, uns assuntos acontecem mais com algumas do que outras, mas os momentos dramáticos se relacionam entre as protagonistas e coadjuvantes negras.

Quadro 1 – Temas principais na primeira temporada de *Insecure*.

No Geral
Elas valorizam o ciclo delas de amizade.
Se apoiam independente da área que trabalham.
São subjugadas pela sua aparência, cabelo, roupas, sapatos, etc.
São independentes e pagam as próprias contas.
Racismo, discriminação velada com piadas ou impostas por pessoas brancas.
Solidão.
No trabalho
Possuem chefes brancos que não enxergam questões raciais, racismo.
Não são ouvidas no trabalho e são as únicas mulheres negras no local de trabalho.
Sempre inviabilizando-as, sempre argumentam se elas são capazes de fazer um trabalho
Quando erram não tem perdão, são expostas e penalizadas sem possibilidade de ter outra chance.
Relacionamentos
Solidão da mulher negra em relacionamento, estando namorando ou estando solteira.
Procura pelo relacionamento romântico que seja melhor para si.
Utilização de aplicativo de relacionamento.
Sexismo e machismo.

Fonte: Produção da própria autora.

Dentre esses temas, o mais recorrente durante todo o arco da primeira temporada de *Insecure* é a solidão da mulher negra, que se torna uma variável que pode afetar todas

as personagens principais e que esse sentimento de solidão é sinalizado em todos os episódios durante as temáticas e diminuído em episódios que elas se reúnem (que são nos episódios 3, 6, 7 e 8), entretanto pode haver discussões entre as protagonistas (nos episódios 7 e 8) mesmo elas estando juntas com as coadjuvantes.

A solidão da mulher negra é um tema complexo, tanto para uma ficção seriada, quanto na vida cotidiana, que envolve desafios que são enfrentados diariamente. Essa luta constante é contra discriminações, racismo, sexismo, solidão emocional, baixa autoestima, entre outros fatores. Assim, essas reflexões, essas relações étnico-sociais, de gênero e raça são demonstradas em *Insecure*. As personagens são amigas que compartilham um vínculo extremamente íntimo, lidando com o trabalho, suas amizades, relacionamentos e experiências desconfortáveis.

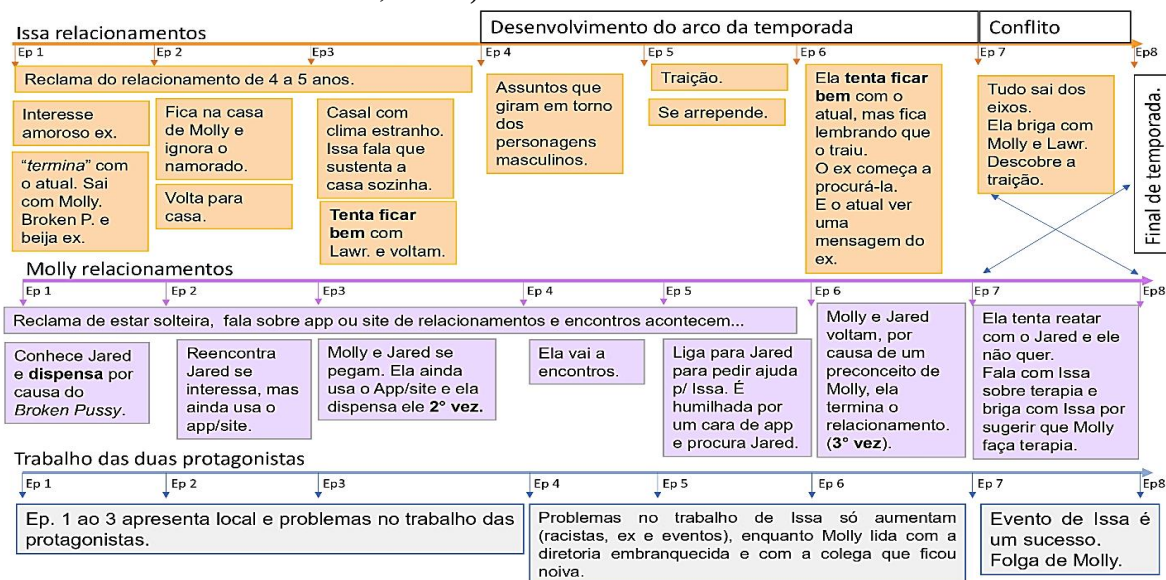
Tornando o espaço na ficção seriada um lugar que contribui para uma narrativa inclusiva e contribui para o desenvolvimento desses personagens que desafiam os estereótipos tradicionais e torna a performance um lugar onde se torna natural o texto em forma de canção ou voz em forma de improviso, o tema que esses corpos negros estão vivenciando que podem ser representados em forma de comédia ou drama (dependendo os dois podem estar em uma cena junto com a canção). Lima afirma que (2013, p. 86 – 87) “a performance envolve não apenas os elementos do “texto” comunicado, mas também os elementos contextuais e circunstanciais: o universo auditivo, visual e tátil envolvido no processo, como a música, os ruídos e o cenário”.

Em *Insecure*, além de ter uma trilha instrumental de transição entre as cenas ou os locais, possui uma trilha musical que são as *cues* e a fala-cantada (ou voz-melodia) utilizado durante a temporada pelas protagonistas (uma utilizando essa técnica mais que a outra). Essa forma de fala-cantada se torna um meio de comunicação da personagem com os outros e consigo mesma, no caso de Issa. Dessa forma, as falas-cantadas acontecem em meio a diálogos de Issa e suas amigas ou consigo mesma e as canções trazem compositoras que têm suas vozes em canções inseridas na trilha musical “[...] podemos considerar a trilha musical como um personagem oculto que, no entanto, participa ativamente do drama” (Matos, 2014, p. 51).

Para sistematizar a análise, os temas foram organizados em três eixos: temas gerais que envolvem todas as personagens negras centrais, temas do trabalho que envolve as protagonistas e relacionamentos, temas abordados pelas protagonistas e debatido junto

com as coadjuvantes. A Figura 1 (linha do tempo) ilustra seu desenvolvimento ao longo da temporada, destacando como a narrativa seriada estrutura os conflitos principais.

Figura 1 - Linha do tempo da primeira temporada de *Insecure*: Eixos temáticos (relacionamentos, trabalho, solidão) e seu desenvolvimento narrativo.



Fonte: Elaboração própria⁶.

Nessa análise nota-se que os três primeiros episódios são para apresentação das personagens principais, os coadjuvantes e os problemas principais que são relacionamentos amorosos, relacionamentos de amizade e trabalho das protagonistas.

Um dos temas recorrentes, por mais que a ficção seriada seja um tipo de comédia, é a solidão da mulher negra que é um assunto que permeia diversos fatores sociais, culturais e históricos. Já um dos estilos de músicas inseridas ou cantadas pelas personagens, por exemplo, é o *rap*, um estilo escolhido que dá valor ao som das palavras, dá valor à mensagem, pois é uma forma de protesto também, dando um lugar de fala. Assim, hooks (2019, p. 75) fala que “O rap fornece uma voz pública para jovens negros que geralmente são silenciados e ignorados”. Após criar essa atmosfera, através das inserções de músicas, conseguimos entender as inter-relações entre a imagem e a música, junto com esse território de silêncio onde essas mulheres são colocadas.

Para melhor compreensão da análise será demonstrado o nome do episódio, minutagem do episódio, a imagem da personagem Issa, e em seguida a letra da melodia/canção ou *cues*.

⁶ Imagem disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1BlvXkx49zXQOzTzs-vBXNSLV6Y1JCwWO?usp=drive_link>.

Episódio 1 - *Insecure as F**k* (Insegura...).

Issa cantando sobre seu aniversário⁷ - Minutagem: 3' 09'' - 3' 18''.

Figura 2 – Issa Dee cantando em frente ao espelho.



Fonte: Foto retirada de um frame de *Insecure* – Diretor de fotografia: Matthew J. Lloyd.

Quadro 2 – Tradução do canto de Issa.

Vai gata!
É meu aniversário,
Mas ninguém se importa não vou dar festa.
Porque sinto pena de mim mesma.

Fonte: Quadro feito pela autora, canção do episódio.

Essa é a primeira vez na temporada que Issa se isola para poder cantar sobre sua insegurança, externalizando o seu dia que importante e como as pessoas ao redor dela não se importam. No entanto, o ritmo de sua fala-cantada gera uma memória afetiva musical com a canção de 50 Cent, que é um rapper americano do Queens Nova Iorque, na música *In Da Club*. Na música do 50 Cent ele também fala de aniversário, segue a tabela:

Quadro 3 – Comparação das letras de *In the Club* e da canção feita por Issa.

<i>In Da Club</i> (início) – 50 Cent	Primeira fala-cantada de Issa
Vai, vai, vai, gata. É seu aniversário. Vamos curtir como fosse seu aniversário [...] E você sabe que não estamos nem aí.	Vai gata! É meu aniversário, Mas ninguém se importa não vou dar festa. Porque sinto pena de mim mesma.

Fonte: Fonte: Quadro feito pela autora. Tradução de *In Da Club* do site Letras⁸, canção do episódio.

A música *In Da Club* é de 2003, foi lançado no álbum *Get Rich or Die Tryin* que foi um sucesso e esse sucesso principalmente na adolescência de *millennials*, nascidos nos anos 90, como Issa, trouxe muito mais conectividade por ter vivido essa febre musical. Diante disso, além da lembrança melódica, Issa começa a performance animada

⁷ Vídeo disponível em: <<https://youtu.be/L7AbzDLb93k?si=BOpo87PIr5PBhWmT>>.

⁸ Letra, vídeo clipe e tradução disponível no: <<https://www.letras.mus.br/50-cent/67581/traducao.html>>. Acesso em 10 mai. 2025.

em frente ao espelho e aos poucos ficando triste por se sentir triste ou com “pena de si mesma”, ela consegue fazer uma canção que responda a música de 50 Cent.

Isto é, ele falando que é “aniversário de uma mulher, que eles vão se divertir com essa data, mas que não se importam com ela ou com a data” e ela, Issa, respondendo “que é aniversário dela e não vai ter comemoração, pelo fato de ninguém se importar”. Como bem afirma Berchmans (2006, p. 26) “a música tem o misterioso poder de provocar sentimentos de tensão, medo, alegria, tristeza, angústia, alívio, horror, compaixão etc. Esse papel psicológico da música é uma poderosa ferramenta dramática”. Assim, essa conexão já conversa com um público adulto, na época que a obra foi lançada, que vai entender a referência musical. A câmera, antes instrumento de vigilância colonial, torna-se espelho desobediente refletindo não o que o sistema espera, mas a potência insurgente de corpos negros e *Insecure* não apenas amplifica vozes marginalizadas, mas as posiciona como centro de sua própria narrativa, desafiando hierarquias do audiovisual.

Considerações finais

Cada canção amplifica suas lutas no trabalho, os sentimentos, desejos e conquistas, criando uma paisagem sonora tão rica quanto a visual. Finalizando com a utilização da canção na série ou a fala-cantada como forma de comunicação, resistência e performance como uma parte da poética da fala e do corpo. Lima (2013, p. 163) reforça que “o corpo do intérprete, seus gestos e o cenário são percebidos apenas na medida em que são aludidos a partir da escuta da voz”.

A representação de mulheres negras em ficções seriadas é um campo em disputa, onde autoria, musicalidade, estética e crítica social se entrelaçam. Enquanto séries como *Insecure* pavimentaram caminhos, é urgente ampliar narrativas que transcendam estereótipos, priorizando complexidade e pluralidade em suas narrativas. A análise propõe, assim, um diálogo entre teoria do feminismo negro, som e territorialidade, destacando o potencial da ficção seriada como espaço de reinvenção e resistência.

Abrindo caminho para que essas vozes sejam ouvidas e criando narrativas que serão seguidas e desenvolvidas em séries, que virão após *Insecure*. Isso traz uma valorização ao estilo que a ficção seriada seguiu e valorização a essas vozes de mulheres negras diferenciadas. Assim, Moura (2023, p. 28) afirma que “por explorar a segmentação, os personagens passam a representar identidades diversas e parecer mais complexos e profundos”. *Insecure* não apenas ocupa um território no audiovisual, mas o

reinventa como espaço de fronteira, onde horizontalidades do cotidiano e verticalidades da indústria colidem para criar novas gramáticas de existência negra feminina. A falacantada ou voz-melodia torna-se indispensável quando consegue descrever cada pensamento, sentimento, acontecimento, sem o personagem precisar falar e, mesmo quando fala o que sente, transforma aquele momento do episódio em uma conexão entre o mundo audiovisual e o mundo do telespectador.

Apesar dos avanços, ainda há um longo caminho para alcançar a equidade narrativa. Séries como *Insecure* abriram portas, mas é crucial exigir mais produções que ampliem as histórias sobre mulheres negras, desde comédias até épicos históricos e ficções distópicas. Tanto a TV, quanto o *streaming* devem não apenas incluir, mas ouvir as diversas experiências da mulher negra.

Referências

BERCHMANS, Tony. **A música do filme: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema**. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, Judson G. Voz-melodia: uma proposta de abordagem do centro de significações da canção. **Boitatá**, Londrina, n. 16, p. 84-96, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31568/22123>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MATOS, Eugênio. **A arte de compor música para cinema**. 1. ed. Brasília, DF: Editora Senac Distrito Federal, 2014.

MOURA, Leonardo. **Como analisar filmes e séries na era do streaming**. São Paulo: Summus Editorial. 2023.

RAMOS, Samuel dos Santos; SOUSA, Joelma da Silva. Paleta de cores: a representatividade negra no cinema Hollywoodiano. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 43. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – ed. 1º Virtual, p. 1-15, dez. 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0934-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2025.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela (orgs.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. 1. ed. Vitória: EDUFES, p. 35-47, 2017.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/gal/a/kwPnx5FMGfnNVY5M5xcSDzc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 mar. 2025.